

## Artigos

Leena Alanen<sup>1</sup>Juliana Schumacker Lessa<sup>2</sup>

### Apresentação: "Teorizando a infância"

Leena Alanen

Resumo: O artigo apresenta a tradução de um texto editorial da *Childhood*, periódico de acesso restrito às mais recentes publicações de pesquisas sobre crianças, de autoria da professora e coeditora da revista, Leena Alanen (Universidade de Jyväskylä - Finlândia). A tradução teve como principal intenção ampliar os horizontes teóricos da sociologia da infância, para além das barreiras de língua, possibilitando, por meio da sua publicação em periódico de acesso livre, pautar amplamente a discussão e os desafios trazidos pela autora. Inicialmente, o texto traz uma breve apresentação ao "chamado" feito por Alanen apontando as pertinências indicadas pela autora para alimentar o debate no campo científico brasileiro. Posteriormente, o texto que segue é a tradução do texto de Alanen (2014), gentilmente autorizado pela autora, a quem, em nome do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação na Pequena Infância e da revista Zero-a-Seis, agradecemos a atenção acolhedora.

Palavras-chave: Sociologia da Infância; Infância; Sociologia.

### Presentation: "Theorizing childhood"

Leena Alanen

Abstract: This paper presents the translation of an editorial text from *Childhood*, a restricted journal to the most recent research publications on children, by the teacher and co-editor of the journal, Leena Alanen (University of Jyväskylä - Finland). The main intention of the translation was to broaden the theoretical horizons of the sociology of childhood, beyond the barriers of language, making it possible, through its publication in a free access journal, to broadly guide the discussion and the challenges brought by the author. Initially, the text brings a brief presentation to the "call" made by Alanen pointing out the pertinence indicated by the author to feed the debate in the Brazilian scientific field. Subsequently, the text that follows is the translation of the text of Alanen (2014), kindly authorized by the author, who, on behalf of the Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação na Pequena Infância and the journal Zero a Seis, thank you for the warm attention.

Keywords: Childhood Sociology; Childhood; Sociology.

<sup>1</sup>Doutora em Ciências Sociais pela University of Jyväskylä-Finlândia. Professora Titular do Departamento de Educação da University of Jyväskylä - Finlândia. E-mail: leena.m.alanen@ju.fi

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. E-mail: julianallessa@gmail.com

## Introdução

**T**raduzir para a língua portuguesa o Editorial “Teorizando a Infância”, escrito pela professora Leena Alanen, e publicado em 2014 na *Childhood* (2014) teve como principal intenção ampliar os horizontes teóricos para além das barreiras de língua, possibilitando assim, incluirmos o diagnóstico de uma área em crescente consolidação, lúcido e brevemente introduzido por Alanen na edição da revista mencionada. Pautar a discussão e os desafios trazidos pela autora é pertinente para o atual momento de crescimento (e, diríamos ainda, que de certa banalização) das investigações que situam ou citam em seus estudos a área da sociologia da infância. Além desse crescimento, também um reconhecimento por parte do campo acadêmico-científico, ainda que na maioria das vezes fique restrito pela via da departamentalização<sup>3</sup> e da divulgação do conhecimento especializado. Esta restrição não contribui com a necessária interlocução teórica com as Ciências Sociais, alertado por Alanen, tendo em vista sua constatação de um certo isolamento da área da sociologia da infância com relação a sua vinculação com o campo da sociologia.

Como sabemos, a revista Zero a Seis é pioneira na publicização e divulgação de estudos e pesquisas relacionadas com a área da sociologia da infância e, de um modo mais geral, com todo um campo de estudos sociais da infância. Isso indica um acolhimento pioneiro aos estudos que se dedicaram a realizar pesquisas empíricas com crianças, revelando a diversidade, as diferenças e as desigualdades em torno dos modos de viver as infâncias. Este motivo soma-se à participação ativa no grupo de pesquisa que constrói a Zero a Seis. Vislumbrando a revista enquanto expoente, no campo científico brasileiro, dos estudos sociais da infância, na trilha de como a *Childhood* figura no contexto dos estudos de língua anglo-saxã é que a tradução da “convocação” feita por Alanen aos sociólogos da infância foi considerada significativa para ser publicada na Zero a Seis.

Não é de hoje que a área da sociologia da infância vem anunciando especificidades próprias nos estudos empíricos que retratam as crianças e as condições sociais de suas infâncias, o que justifica o empenho em construir a área, mas também consolidá-la no interior da sociologia geral. Pois, não devemos nos esquecer que a sociologia da infância, tal como a sociologia da juventude ou ainda, indo às áreas mais tradicionais, a sociologia da educação estão elas ligadas ao campo sociológico. Nesse sentido, a teoria social não pode ser deixada de lado nestes estudos e necessita ser tomada como fonte de problematização ao se tomar a infância e as crianças como ponto de inflexão. É à luz de qual lente teórica para analisar a realidade social que nos voltamos para as realidades de infâncias objetivas e subjetivas das crianças? Anunciar a sociologia da infância como respaldo teórico não implica necessariamente quitar a dívida de

---

<sup>3</sup>Áreas de estudos e pesquisas, especializações.

elucidar o que move a análise da realidade social, se não há lentes, o que há? Trazer diversas referências bibliográficas da sociologia da infância para conceituar as noções basilares da pesquisa é um caminho bibliográfico bastante interessante, mas que não deve deixar de lado que esses caminhos têm ramificações/vertentes teóricas que são ora divergentes, ora convergentes. Isso não significa um apelo ao purismo, mas o alerta para a necessária crítica e diálogo que são colocados em xeque no interior da própria área.

Qual base teórica, quais teorias, quais conceitos e categorias interpretativas nos apoiamos para as análises empíricas que temos feito em pesquisas com crianças? O que queremos dizer quando situamos, na pesquisa, que o trabalho se ancora na sociologia da infância? Partindo dessas perguntas, o texto de Alanen vem ao encontro de problematizar essas questões em torno da “teoria” e ainda fazer um chamado mais direto: é preciso teorizar a infância. Ao anunciar isso, a autora também nos encaminha a questionar a sociologia da infância como um bloco homogêneo e nada conflituoso entre as conceituações e perspectivas teóricas. É salutar afirmarmos a área da sociologia da infância como heterogênea teoricamente, da mesma forma que se impõe, entre nós pesquisadores da infância, a necessidade de demarcar e conceder maior atenção ao referencial teórico e aos conceitos que serão utilizados para refletir sobre a infância e os mundos de vida das crianças.

Na tentativa de realizar uma autocrítica dentro da área, diria que há, hoje em dia, um caminho comum nas pesquisas de ancoragem na sociologia da infância, quando se quer tratar de uma determinada concepção de infância e de crianças. Sim, esta determinada concepção advém da sociologia da infância e, sobretudo, emerge com tanta força que configura um movimento de ruptura conceitual no paradigma teórico até então voltado para a infância. Em geral, essas pesquisas se utilizam dos conceitos empreendidos pela sociologia da infância, atuando ativamente na construção de uma área que lhes fornece conceitos para ajudar a entender a compreender seus problemas de pesquisa. Por outro lado, a sociologia geral parece não demonstrar interesse, nem necessidade de recorrer aos conceitos da sociologia da infância, permanecendo, em relação ao campo mais geral, numa posição ainda marginalizada (KAMPMAN,2003).

No interior das subáreas, a sociologia da infância, ao que parece, vem se consolidando enquanto área científica pela crescente de pesquisas empíricas realizadas nos mais diversos países. Já no âmbito do campo disciplinar em que a área se situa, a sociologia da infância parece não ter grandes impactos, ainda. Este é o diagnóstico que será apresentado com muito mais propriedade nas linhas que se seguem da tradução do texto da professora Alanen. O desafio, bem como a necessária discussão crítica dos apontamentos trazidos pela autora devem ser tomados como tarefa, minimamente, de todas aquelas e aqueles que têm dedicado suas investigações às realidades da infância.

## Teorizando a infância<sup>4</sup> Leena Alanen

No relatório sobre o estado da arte da sociologia da infância em 10 países, publicado na revista da Associação Internacional de Sociologia (*Current Sociology*, v. 58, n. 2), Jo Moran-Ellis encontra algumas importantes e criativas tensões presentes no campo da sociologia da infância. Suas observações dizem respeito especificamente ao Reino Unido, mas a maioria, certamente, tem uma influência muito mais ampla. Uma dessas tensões - e desafios - diz respeito à posição da sociologia da infância no mundo acadêmico. Até que ponto, ela pergunta, a sociologia da infância é parte do conhecimento tradicional e entendimento sobre o mundo social? Ou é um assunto que é popular entre os estudantes, mas em risco de ser marginal para o projeto principal e para as preocupações da sociologia (MORAN-ELLIS, 2010, p. 197)? Em uma visão geral da situação na Finlândia, na mesma publicação, Strandell Harriet encontra uma situação semelhante e observa que, interessantemente, a demanda por conceitos sociológicos e abordagens para as crianças e a infância parece ser muito maior em disciplinas outras do que a sociologia, particularmente em disciplinas que educam profissionais para trabalhar com crianças (educação infantil, trabalho social), enquanto a sociologia da infância continua a permanecer uma área de pesquisa bastante estreita, frequentemente concebida como um campo específico de estudo longe de preocupações sociológicas atuais. Este estado de coisas manifestamente exige um trabalho a ser feito, a fim de devidamente ancorar o estudo da infância na sociologia. A importância de tal trabalho é óbvia: certamente é “chave para uma compreensão mais abrangente da sociedade em geral” (STRANDELL, 2010, p. 178-179).

Comentários semelhantes sobre o estado da sociologia da infância e sua relação com a sociologia geral são ouvidos em muitos outros países. Isso reafirma a forte crença entre os sociólogos da infância que foi expressa em uma introdução editorial no início da edição desta revista: sem teorizar a infância não pode haver nenhuma explicação adequada do social (*Childhood*, v. 4, n. 3, p. 261). Ao longo dos anos, tal convicção forneceu algumas das motivações básicas para muitos sociólogos em seu trabalho para a construção de uma sociologia da infância e também criou para nós uma agenda de longo prazo. A Sociologia - a disciplina que desde o seu nascimento tem sido a ciência do “social” - certamente permanecerá uma disciplina incompleta, enquanto permanece ausente, em seu conhecimento a “peça” infância do mosaico social. Uma pergunta oportuna a nos fazer é, nas palavras de Jan Kampman (2003), como podemos mover a sociologia da infância na direção de uma “provocação marginalizada” da sociologia a uma reconhecida “fornecedora” de conhecimento sociológico?

Atualmente, e desapontadamente, está claro que um pleno reconhecimento do lugar da infância na sociologia ainda está por vir. A sociologia da infância tem encontrado pouca ressonância na teoria sociológica ou na análise sociológica geral e a posição padrão da maioria das teorias sociais e políticas é, ou

---

<sup>4</sup>Editorial publicado em *Childhood*, v. 21, n. 1, p. 3-6, fev., 2014. Gentilmente autorizado pela autora. Tradução e revisão técnica de Juliana Schumacker Lessa, doutoranda em Educação (UFSC). Importa salientar que o texto não passou por uma análise mais especializada da área dos Estudos de Tradução.

descartar as crianças totalmente, ou considerá-las apenas como “adultos em espera” (por exemplo Bühler-Niederberger, 2010, p. 155-156; Thomas, 2012; ver também Qvortrup, 2003). Isto tornou-se (de novo) agudamente evidente para os sociólogos da infância que, na conferência da Associação Europeia de Sociologia (ESA), em Genebra (2011) estavam ouvindo as palestras plenárias na sessão de abertura da conferência. Uma das mensagens entregues aos participantes da conferência foi a firme visão da infância como uma fase preparatória para a vida adulta, isto é, a visão que era dominante nos anos pré-1990 - e, evidentemente, que ainda domina na sociologia geral. Ficando ausente um reconhecimento de uma rica e multifacetada pesquisa empírica sobre as crianças e a infância nas últimas décadas, das descobertas feitas sobre a diversidade dos mundos de vida das crianças e suas interdependências com estruturas sociais, econômicas e culturais, de participação ativa das crianças na produção social, econômica e cultural, distribuição e consumo de suas sociedades, das revisões das prevalentes imagens públicas de crianças como 'inocentes', e assim por diante. E isto apesar da existência de uma ativa rede de pesquisa da infância no interior da própria ESA!

A perplexidade que tal anúncio despertou entre os membros da rede levou a discussões durante a conferência sobre o que precisaria ser feito a fim de, pelo menos, atualizar o entendimento predominante da infância entre a comunidade sociológica. Se tomarmos o objetivo último de fazer a sociologia da infância para ter a plena incorporação da infância no corpo da disciplina sociológica, não é suficiente que continuemos a falar apenas com nossos colegas dentro da comunidade de estudos da infância; nós, evidentemente, precisamos também falar de volta para, e no interior do *mainstream* (corrente principal). Um forte investimento na teorização infância foi considerada uma rota necessária, e a decisão feita em Genebra, foi emitir uma chamada de trabalhos para um encontro a médio prazo da rede, com o título “Teorizar a infância”. Sociólogos da infância foram convidados para discutir uma variedade de tópicos, tais como o lugar e relevância dos “clássicos” da disciplina (Marx, Durkheim, Weber) na sociologia da infância e uma variedade de abordagens mais recentes (por exemplo, Bourdieu, Luhmann, Foucault) e direções (por exemplo teorias de rede, as teorias da espacialidade e de direitos) e suas relevâncias para o desenvolvimento da sociologia da infância. No verão de 2012, 30 sociólogos se reuniram em Jyväskylä (Finlândia), onde cerca de 20 trabalhos foram apresentados e discutidos sobre o tema da reunião. Esperamos que esta pequena reunião seja um sinal de um largo e crescente interesse, bem como um incentivo, entre os sociólogos da infância a repensar o papel da teoria nos seus trabalhos. (Alguns dos trabalhos apresentados na reunião já foram desenvolvidos em artigos de revistas e têm sido publicados ou estão a caminho de serem publicados, também na *Childhood*).

Em um sentido, teoria e teorização são sempre uma parte de pesquisa científica social. A necessidade de (re)teorização da infância - o que, no final, deu à luz a “nova” sociologia da infância na década de 1980 e 1990 - em si demonstra isso. ‘Teorização’ é uma maneira de descrever o que os sociólogos da infância estão fazendo no trabalho: eles desenvolvem ‘teorias’ da infância. É também uma crença generalizada dentro da ciência social que a pesquisa sociológica empírica deve sempre ser conduzida ou informada pela ‘teoria’. Isto proporciona uma justificativa também para editores de revistas

de ciências sociais e revisores de artigos submetidos para rejeitar artigos se eles são 'ateórico' ou 'subteorizado' ou deixam de fazer uma contribuição 'teórica'.

'Teoria' é, portanto, um recurso em grande medida tomado como certo em sociologia. No entanto, é também um termo com múltiplos significados na linguagem sociológica. Gabriel Abend (2008), por exemplo, observa que 'teoria' é sobrecarregada com significados e isto a coloca em perigo de perder toda a tração semântica. Ele identifica sete sentidos diferentes da 'teoria' como utilizada pelos sociólogos, de proposições universais e explicações causais de determinados fenômenos sociais a formas de compreensão, interpretação ou fazer sentido deles. Em outros casos, o significado de 'teoria' é o estudo dos escritos de nomeados teóricos, ou uma perspectiva particular a partir do qual se vê e interpreta o mundo que é a intenção geral nas referências a uma 'abordagem teórica', 'escola', 'quadro teórico', 'tradição', 'ponto de vista' ou 'paradigma' (ABEND, 2008, p. 179-180). Confusões sobre o significado de 'teoria', por sua vez, pode ter consequências indesejáveis, tais como (artificiais) desacordos, confusões conceituais e problemas de comunicação.

Enquanto instrutiva, a ajuda prática que qualquer taxonomia dos significados de 'teoria' pode fornecer para o empreendimento da teorização irá permanecer escassa. Uma maneira mais proveitosa de avaliar o estado atual da teorização na sociologia da infância - com o objetivo de delinear possíveis agendas futuras para a teorização da infância - é pela justaposição com as tendências na atual teorização dentro da sociologia geral. A teoria sociológica tem uma longa história de fazer um balanço de si mesmo, e comentários gerais da literatura sociológica existentes não são apenas compromissos ocasionais, mas parte da atividade de rotina de fazer sociologia. Há, também, muitas formas de construção da teoria; por exemplo, para o período iniciando a partir de meados dos anos de 1980, Camic & Gross (1998) identificaram até oito diferentes "projetos" de teorização na sociologia contemporânea. Suas listas são, ao mesmo tempo seletivas e não exaustivas e, em outros períodos de tempo, a lista seria, certamente, diferente. Também os "projetos" são internamente heterogêneos e, como regra, não são mutuamente exclusivos um do outro. Camic & Gross (1998) identificam ao todo oito "projetos" teóricos do período e descrevem exemplos de cada um: (1) construção de ferramentas analíticas gerais para uso em pesquisa empírica; (2) síntese de múltiplas abordagens teóricas; (3) aperfeiçoar os programas de investigação teóricas existentes; (4) estimular o diálogo entre as diferentes perspectivas teóricas; (5) ampliar e reconstruir abordagens teóricas atuais conceitualmente, metodologicamente, socialmente e politicamente; (6) envolvimento com ideias teóricas passadas; (7) oferecer um diagnóstico das condições sociais contemporâneas; e, finalmente, (8) a dissolução do compromisso da teoria sociológica (promulgada pelo "anti-projeto" pós-modernista).

Destes "projetos", aquele que talvez melhor descreve a intenção de grande parte do trabalho feito dentro da sociologia da infância tem sido dentro do marco do projeto 5: 'alargamento e reconstrução de abordagens teóricas atuais', especialmente se estamos aqui substituindo todo o campo da sociologia por 'abordagens teóricas atuais' na sociologia. Este tem sido o projeto de longo prazo da sociologia da infância - uma vez que a falta de questões da infância na sociologia dominante foi identificada na década de 1980 -

para preencher as lacunas conceitual, metodológica, social, moral e política que ainda existem nas teorias e pesquisas do *mainstream* sociológico. Para as poucas décadas passadas esse trabalho tem, compreensivelmente sido orientado para o empírico, com o objetivo de trazer “visibilidade” para as crianças e a infância como questões sociais e sociológicas. Com isso primeiro, a ampliação da fase da infância continua, esperançosamente, a expandir, e o que há, agora, parece ser uma tendência crescente para um modo mais confiante e sofisticado de teorizar a infância. Autores agora, cada vez mais, fazem uso e trabalham com recursos teóricos de outras áreas da sociologia, com o objetivo de teorizar a infância e movê-la dentro destas teorias, ou seja, reconstruir o sujeito principal dessas teorias. Em *Childhood* 19(4), por exemplo, Nigel Thomas (2012) explora a utilidade da teoria de Axel Honneth de uma “luta pelo reconhecimento” para uma teoria da participação que incluiria também a participação das crianças. Na presente edição, Cath Larkins (2014) desenvolve uma nova compreensão de como as crianças promulgam a si mesmas como cidadãs, portanto, desafiando definições dominantes da teoria da cidadania e, em um artigo próximo, Pascale Garnier (2014) baseia-se na sociologia pragmática de Luc Boltanski da crítica e justificação para entender as relações adulto-criança como uma ordem moral e política.

Gostaria de pensar que textos como estes, de fato, prenunciam uma “virada teórica” na sociologia da infância. Talvez esta virada, em paralelo e em interação com as ricas e multifacetadas pesquisas empíricas sobre a infância irão ajudar a fornecer não apenas críticas, mas também intervenções enérgicas na sociologia convencional que vão ajudar na integração da peça faltante da infância, dentro daquilo que nós concebemos como a disciplina de sociologia.

Leena Alanen, Co-editora  
Universidade de Jyväskylä, Finlândia  
Outubro, 2013.

## Referências Bibliográficas

ABEND, G. The meaning of 'theory'. **Sociological Theory**, v. 26, n. 2, p. 173-199, 2008.

BÜHLER-NIEDERBERGER, D. Introduction: Childhood sociology – Defining the state of the art and ensuring reflection. **Current Sociology**, v. 58, n. 2, p. 155-164, 2010.

CAMIC, C.& GROSS, N. Contemporary developments in sociological theory: current projects and conditions of possibility. **Annual Review of Sociology**, v. 24, p. 453-476, 1998.

GARNIER, P. Childhood as a question of critiques and justifications: insights into Boltanski's sociology. **Childhood**, v. 21, n. 1, 2014.

KAMPMAN, J. Barndoms sociologi – framarginaliseret provokatørlig mainstream leverandør. **Dansk sociologi**, v. 4, n. 2, p. 79-93, 2003.

LARKINS, C. Enacting children's citizenship: Developing understandings of how children enact themselves as citizens through actions and Acts of citizenship. **Childhood**, v. 21, n. 1, p. 7-21, 2014.

MORAN-ELLIS, J. Reflections on the sociology of childhood in the UK. **Current Sociology**, v. 59, n. 2, p. 186-205, 2010.

QVORTRUP, J. Editorial: An established field, or a breakthrough still pending? **Childhood**, v. 10, n. 4, p. 395-400, 2003.

STRANDELL, H. From structure-action to politics of childhood: Sociological childhood research in Finland. **Current Sociology**, v. 58, n. 2, p. 165-185, 2010. <sup>[11]</sup><sub>SEP</sub>

THOMAS, N. Love, Rights and Solidarity: studying children's participation using Honneth's theory of recognition. **Childhood**, v.19, n. 4, p. 453-466, 2012.

Recebido em: 26/03/2016  
Aprovado em: 09/04/2016